

8.
68

FALA, QVE FES

O P. Fr. MANOEL DA CRVS

Mestre em S. Theologia, Deputado
do S. Officio, & das Ordens
Militares na segunda instan
cia, Vigairo Geral da
Ordem dos Pregado-
res da India,



NO ACTO SOLEMNE, EM QVE O CONDE IOAM DA
Silua Yello, & Meneses, Visorey, & Capitão Geral do Estado da In
dia, depois de ter aclamado, & iurado o Serenissimo Rey,
& Senhor Nosso, Dom Ioão, o IV, iurou o Princi-
pe Dom Theodosio, seu primogenito,
& herdeiro, aos 20. de Outubro.
de 1641.

Dedicada ao mesmo Conde Visorey.

4

FALTA QVE FES

OR. EM MANOEL DA CRUZ

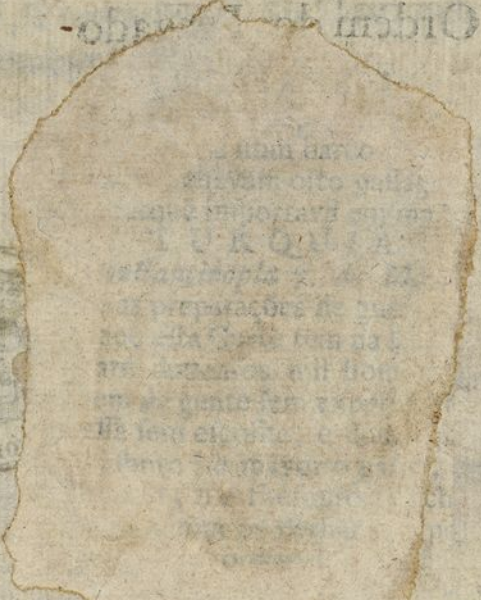
Mestre em S. Theologia, Deputado

do S. Officio, & das Ordens

Militares na segunda infantaria

cia, Vigario Geral da

Ordem de S. Bento



INDIÇÃO DA

Real Cédula de D. João VI, de 1763, sobre a

reorganização da Real Academia de Ciências de Lisboa

e a criação da Real Academia de História Natural

de Lisboa, em 1779

de 1779

de 1779

Dedicada ao real Conde de Vila Rica

65

AO
EXCELLENTISSIMO
SENHOR IOAÕ DA
SILVA TELLO, E MENEZES,
Conde de Aueiras, do Conselho
de Estado de Sua Magestade, &
seu Visorey, & Capitaõ Ge
ral do Estado da
India.



O I recebida, & aceita com tanto applauso, & gosto dos ouuintes, & taõ desejada, & pedida dos que se não poderão achar prezentes, a fala que V. Excellência, me encarregou fizesse no solemnisimo acto do juramento do nosso dignissimo Principe (obra, & demonstração, se digna na grandeza, & gloria de tal Rey, & senhor, & de tal defensor, & redemptor da patria, & de tal herdeiro, & Principe della: digna taõ bem do amor, fee, & lealdade de taõ verdadeiro Silua) que me resolui, & animei para satisfazer ao desejo de tantos, & mouer melhor a todos, a cuja noticia fosse, ao amor, & lealdade, que a tais senhores nossos deuemos: & obedecer a V. Excellencia em tudo, que assi o ordena: offerecer lhe o selo traslado della, para se poder imprimir, não obstante a breuiãade, com que foi feita, & ser obra breve, & de autor taõ indigno, & humilde. Porem, como pello objecto, & materia, he Real, & magnifica, ficará participando

do das condiçoẽs da abelha, da qual diz o Spirito Sancto. Bre-
Eccl. 11 uis in volatilibus est Apis, sed initium dulcoris habet
fructus illius. Bem he verdade, que nunca me aereuera a subir
mais alto tom ella, & dizer em todo o tempo Psalmista. Eruda-
Pfal. 44 uit cor meum verbum bonum, dico ego opera mea Re-
gi, desconfiado de meu indigno sojeto, mas a Vossa Excellencia
a offereço com a confiança, & alento, que me tem dado, & como
a principio, & mananciaal, dando todas estas demonstraçoẽs de a-
mor, de gosto, & lealdade dimanaraõ, & corraõ, & aonde he
iusto que tornem, & recorraõ, para de nouo por suas mãs corre-
rem, como affirma o Spirito Sancto. Ad loca vnde exeunt

Eccl. 1. flumina, reuertuntur, vt iterum fluant. Em tanto seruiço
de Sua Magestade, & em particular esta sala, de que Vossa Ex-
cellencia foi Autor primeiro, empenhandosse ja nella, & nas mais
merces, que me tem feito, a emparala como cousa sua. A obra como
digo, he breue, & pequena, o Autor mais pequeno, & indigno, po-
rem o obiecto della he Real, & magnifico: pello que fica merecen-
do a Vossa Excellencia todo o fauor, & emparo. Guarde Nosso se-
nhor a Vossa Excellencia por largos annos com grandes augmen-
tos de Estado. Deste Conuento de S. Domingos de Goa em 6. de
Nouembro 641.



Capellaõ de V. Excellencia.

Fr. Manoel da Cruz.

70
A O T H R O N O
E E S T A D O R E A L
D E S V A M A G E S T A D E .

Muito alto, & muito poderoso
Rey, & senhor natural
nosso.



Depois das graças que publica, & solemne-
mente rendemos todos a De-
os pella grande, & incomparavel
merce, & misericordia, que nos fes,
sendo seruido de nos restituir, & tbe-
nar a dar a gloria de nosso Reyno,
& Coroa tão eclypsada, & escureci-
da com as névoas de trabalhos, & apertos de sesenta
annos: tempo, em que o nosso Reyno de Portugal por
justos juizos de Deos, esteve ás forças, & oppressõ-
es de Castella, humilhado, & sojeito: porèm ja agora res-
taurado, & glorioso com a fatal, & justa acclamação do
nosso esclarecido sol, & Rey natural, o Serenissimo Se-
nhor Dom IOAM IV. deste nome, que tão alegre appa-
receo pera nós neste Oriente; verdadeiro descenden-
te por linha masculina dos senhores Reys de Portu-
gal, seus Auôs, & predecessores; pay, amigo, defensor,
restaurador, & redemptor da patria.

Depois, como digo, de rendermos a Deos as devi-
das graças por tão assinalada merce, e misericordia. De-
pois de termos acclamado, & jurado solemnissimamen-

te na See Metropolitana deste Estado aos onze de Setembro, logo que chegou a felice noua, obediencia, & vassalagem à Magestade serenissima de tão insigne, tão amado, querido, & desejado Rey, & senhor nosso: conseguindo-se a isto todas as demonstrações de alegria, & festa, que conberão em nossos corações: ordenou de nouo o Conde Viforey deste Estado de seu motu proprio, com o zelo, verdade, & lealdade, que dos verdadeiros Siluas tem herdado (com hum encontrey a caso em certo liuro, que por Religioso deste habito, & por descendente dos nobilissimos, & famosos Siluas, vem mais a proposito seu successo) Frey Ioaõ da Silua se chamaua; este estaua em Arzilla ao tempo, em que El Rey Dom Sebastião foy desbaratado; & no ponto, em que lhe deraõ a triste noua de elle ser vencido, & perdido na batalha, cahio logo de improviso morto, sã alma, sem vida. Pode auer mais fé, & lealdade que esta? O sentimento da perda de seu Rey natural, q̃ lhe deu a morte, o diga. Não pode auer mais fé, & amor em vassallo, & Religioso, nem mais lealdade em Silua, & em fidalgo. Se o sentimento da perda de hum Rey natural assy mata a verdadeiros Siluas, não ha duuida, que a restauração d'elle de gosto os resuscita, & alenta para estas demonstrações, & obras de amor, & lealdade que vemos. Ordenou logo de nouo o Conde Viforey deste Estado, como verdadeiro Silua, como parecer tambem da nobre, & sempre leal Cidade de Goa, que neste pomposo theatro, assistindo nelle o melhor, o principal, & mais lufido de todos os Estados, & Tribunais, com este solemnissimo acto, não sò ratificassemos o juramento passado feito a El Rey nosso Senhor Dom IOÃO O IV. senão ainda jurassemos em especial o Serenissimo Senhor Dom THEODOZIO seu primogenito, & herdeiro, por nosso verdadeiro Principe, successor na

Coroa destes Reynos, & Estados, depois de lograda por largos, & felices annos, com nouas glorias, & triumphos, de seu dignissimo Pay, Rey, & Senhor nosso.

Para solemnizar este acto, & juramento estamos aqui juntos, & unidos, mais por amor, & fé nos corações, & nos animos, do que ainda por lugar, & sitio nos corpos. Em rezão disto, & da obrigação, em que estou posto, me atreuo a propor a este nobilissimo, & grauissimo auditorio, com a breuidade, que o acto requiere, tres pontos, em que me parece se funda, firma, & assegura o formal, & solemnidade deste juramento. O primeiro he a vontade de Deos, & seu beneplacito, pois a obra foi tanto sua. O segundo o direito, & justiça do Rey, & Principe jurados. O terceiro, o amor, & lealdade dos vassallos, & filhos, que os juramos, porque se Deos o quis, & a justiça o pede, & o amor, & lealdade nos obriga; fixo, firme, seguro, & perpetuo ficará o juramento deste solemnissimo acto.

Todos estes pontos parece q̄ resumio o Rey Psalmista, quando celebrando a solemnissima entrada do Rey Messias no mundo, cantou desta maneira. *Misericordia, & veritas obuiauerunt sibi: iustitia, & pax osculatae sunt.* Quer dizer, que naquelle solempne recebimento a bondade, & misericordia da parte de Deos, o direito, & justiça da parte do Rey Messias, que era o unigido, & recebido; o amor, pax, & concordia da parte dos homens, & vassallos que o recebiao; se auiao de vnir, abraçar, & enlaçar de maneira, que avia de ser tudo hũa mesma couza. *Misericordia, & veritas obuiauerunt sibi: iustitia, & pax osculatae sunt.* Parece que vemos o mesmo em seu tanto na aclamação, recebimento, & juramento destes nossos Serenissimos Senhores, El Rey Dom IOAM IV. & o Principe Dom THEODOZIO, seu filho: aonde tudo se vnio, se abraçou, & enlaçou da maneira, que

Psal. 14.

temos

temos visto, a vontade de Deos, & sua misericordia nesta obra, por tantos titulos sua, com o direito, & justiça de hum Rey, sobre verdadeiro, & natural, de tantas prendas, & de hum Principe a seu lado, tão lindo, & de tantas esperanças. Esta justiça vemos tambem abraçada, & enlaçada com o amor, paz, & concordia de seus vassallos, & filhos, como consta das demonstraçoẽs de festa, & alegria, em que se esmerarão todos, particularmente neste Estado, & nesta Metropoli do Oriente, do Conde Visorey (aquem se deue acto tão solemne, & tão demonstratiuo da lealdade de sua nobreza, & sangue) até o vassallo mais pequeno, & humilde. Por menor, & em particular tocarei com breuidade cada hũ destes pontos, em que se funda acto tão deuido, & tão solemne.

psal. 76. O primeiro he da vontade diuina, que não ha duvida foi a obra misericordia sua, & mudança de sua mão direita, & poderosa. *Hac mutatio dextera excelsi.* Tão repentina mudança de coraçõs, & tão differentes: aquella união, & concordia de todos, com que de improviso se mudou hum Reyno inteiro sem resistencia, & contradição algũa, nem trabalho de consideração, não ha duvida, que foi obra miraculosa, & mudança da mão diuina. Assi se muda hum Reyno! Assi se acclama hum Rey, & exclue outro? Assi se vnem & concordão tantos, & tão varios, & ainda tão differentes, & oppostos coraçõs pera tal feito? Assi se guarda hum segredo de tal cullidade, fiado, & sabido de tantos? Bem pude ramos dizer, que nos peitos dos Portuguezes debaixo daquellas cinzas de apertos, oppressões, & trabalhos, com que estauão de todo consumidos, & acabados, esteu sempre viuo, & guardado seu valor antigo pera feitos insignes, & heroicos, & em particular para este, que considerada a potencia, & soberania de Castella, a
falta

72
falta, diminuição, & fraqueza de Portugal, foi feito dignissimo de ser celebrado entre os mais insignes, & notaveis do mundo. Com tudo digamos melhor com Christo é semelhante caso. *Ita Pater, quia sic placitū fuit ante te.* Foi senhor obra vossa, assi o quizestes, & ordenastes.

Tinha Portugal chegado ao mayor desamparo, & aperto; a mayor afflicção, & trabalho, este Estado da India, o experimentava, & sentia como alma sua. Estava no ultimo fio, tão attenuada com as insolétes armadas dos inimigos de fora, & com as oppressões, apertos, forças, & aluitres dos inimigos de dentro, q̄ não avia mais, que estallar, & acabar de todo. Que remedio? Não o avia humano, antes de todo impossibilitado. Acudio o Ceo com o diuino. Vio Deos, que era o tempo mais oportuno de desempenhar a palavra que nos campos de Ourique nos tinha dado, dandonos por peñhor della os finais de suas chagas, por armas, por diuisa, por priuilegio de amor, & de honra. Pos em nós os olhos de sua misericordia. *Et in ipsa attenuata ego respiciam, & videbo.*

E assi considero, que desenrauar Christo o braço da Cruz na aclamação de Lisboa, não foi só querer dar a mão ao Reyno pera o levantar que tão caído, & desmayado estava, sem fangue, & sem força com as oppressões, & apertos do jugo de Castella, nem só querer mostrar, que aquella obra, & mudança era de sua mão diuina, & poderosa, & que elle, em cujas mãos estauão todos os Reynos, & imperios do mundo, de sua mão, & com sua mão diuina nos daua Rey natural, & proprio, & nos liurava das cargas, & trabalhos do jugo alheo (que he o mal, que Dauid mais encarecia, entre os mayores males do mundo. *Emitte manum tuam de alto: eripe me, & libera me de aquis multis, & de manu filiorū alieno* r̄ senão pera mostrar que aquella mão desenrauada

bu scaua nas armas de Portugal os sinais de suas chagas ja taõ apagados, & escuros com as oppressões, apertos, & descuidõ de Castella, & quera com aquelle Original diuino copialas, & imprimilas de nouo, & tornalas mais viuas. & fermosas pera as nouas glorias, & triumphos do Rey que nos daua.

Dan. 4.

Parece, que vejo representado ao viuõ o Reyno de Portugal naquella Aruore grande, & fermosa de Daniel. *Arbor magna, & fortis, eius proceritas calum contingens: aspectus illius usq; ad terminos vniuersæ terræ: folia eius pubherrima: fructus eius nimius: esca vniuersorum in ea.* Aruore grande, & fermosa, taõ alta, & sublime, que parece tocava no ceo, taõ dilatada, & estendida em seus ramos, q̄ chegaua com elles aos confins do mundo, & da terra: taõ vestida de folhas fermosas, taõ abundante, fecunda, & carregada de fruto: taõ bem asombrada que todos se agasalhauaõ debaixo de sua sombra, & comiaõ della: depois de a pintar nesta forma, acrecenta logo o texto do Profeta: *succidite arborem, & pracidite ramos eius; veruntamen germen radicem eius in terra sinite.* Cortese a Aruore, tiremhe os ramos todos, fique sem fruto, & folhas; dispaõna de sua fermosura, & gloria; porẽm naõ toquem no tronco, & raizes della. Interpretou Daniel esta visaõ pello Reyno de Nabuchodonozor, por se us peccados perdido, & conseruado nas raizes, & no tronco, ate lhe ser restituído.

Que figura mais viua do Reyno de Portugal, que esta? Aruore grande, & fermosa, taõ alta, & sublime, taõ dilatada, & estendida, taõ prospera, & rica, abundante, & fecunda. Porem por peccados no flos, & justos Iuifos de Deos, cortada, diminuida, del pida de sua fermosura, & gloria, sem fruto, sem ramos, & sem grandesa: *succidite arborem, & pracidite ramos eius.* Mas naõ quis Deos nunca, que tocassem no tronco, & raizes

raizes della; *Veruntamē germē radicū eius in terra finite.* Não quis Deos nunca, que tocasse no tronco. & raizes da Caza de Bragança, antes a foi sempre conseruando e seu estado, & grandeza, & emparadoa ainda dos encontros, & intentos do mundo; porque della auia de brotar de nono esta vergonteia Real, ja com o fruito pendente do nosso Principe com que auia de recrecer, & recuperar de sua grandeza, & gloria. Bem podemos logo dizer com a Esposa Saucta. *Sub umbra illius, quem desideraueram, sedis; & fructus eius dulcis gutturi meo;* que nos vemos ja alientados a sombra de nossa Aruore fermosa, & a vista do fruito pendente, & luauissimo do nosso Principe, & consequentemente cantar com o Poeta, & Sibylla.

Cant. 2.

Iam noua progenies Caelo demittitur alto.

Virg. Ecclo

Que ja o Ceo daquelle tronco Real nos tem dado vergonteas nouas, em que vemos nossas glorias restauradas, & acrescentar com o mesmo.

ga 4.

— *Redeunt Saturnia Regna.*

Que nos sam ja restituídos os seculos felices, & dourados de nossos antigos Reynos. E ainda com o exemplo da Igreja, que chamou a culpa de Adam felice, & ditosa, por occasionar tal graça, tal Redemptor, & misericordia. *O felix culpa, que talem, ac tantum meruit habere Redemptorem.* Podemos tambem em seu tanto chamar felice, & ditosa a pena, & oppressão, a seruidaão, catiueiro, & trabalho que occasionou bem tamanho, tal Rey, & Redemptor da patria, & moueo a Deos a tal misericordia. *O felix panna; O felix captiuitas, que talem meruit habere Regem, & Redemptorem.* E ultimamente nos podemos dar os parabens todos hũa, & muitas vezes, pois merecemos ver, & lograr em nossos dias estas felicidades, & venturas.

Sabbat.
Sauct.

O terq̄ quaterq̄ beati.

Estamos cõ o direito, & justiça do Rey, & Príncipe que juramos, muito mais breue ferei nella, pois he tão constante, & tão clara. Em hum sabbado, que foi o primeiro de Dezembro de 1640. dia dedicado á Virgẽna Sacratissima Senhora Nossa, pella qual todo o bem corre, & se nos communica. *Nihil decreuit Deus dare, nisi per Virginem*, diz Sancto Anselmo. E vespera da primeira Dominga do mes, em que se festeja na nossa Religião Sagrada o sanctissimo Rosario da Senhora, que he o remedio geral do mundo, & foi mui especial para o nosso Reyno. Dia tambem, que Deos ja do principio do mudo escolheo para seu descãso, & é q̃ parece, quiz começasse o de Portugal, não por ocio de armas, q̃ Portuguezes sempre descansarão com o exercicio dellas: mas por excepção, & liberdade de oppressões, & de forças. Hum sabbado, digo, dia ja fatal para o nosso Reyno, vespera tambem da primeira Dominga do Aduento, em que a Igreja representa a primeira vinda do Rey Messias à terra, a salvar o mundo, & começa a cantar aquella celebre capitula. *Suscitabo David germen iustum, & regnabit Rex, & sapiens erit.* E em que finalmente representa tambem a segunda vinda ao final Juizo, foi acclamado em Lisboa por Rey natural nosso o Serenissimo Senhor Dom IOAM IV. mostrando ja Deos nisto, como vinha por Redemptor do Reyno, & da patria, & a justiça, que tinha para a Coroa, pois em seu Tribunal, & juizo diuino aonde se emmenção, & restituem todas as faltas dos Iuizes do mundo se daua por elle a sentença. Ao sexto dia do mesmo mes entrou sua Magestade em Lisboa, & tomou posse real, & pacifica do Reyno, & Coroa, dia em que a largou por morte o primeiro Rey Dom Affonso Henriques, mostrando tambem Deos nisto, que assi como a dera áquelle Rey primeiro por merce, & misericordia, assi a restituia, & tornaua a dar ao nosso Serenissi-

40
mo Dom IOAM IV. por justiça, como a verdadeiro herdeiro della, para continuar nos triumphos, & glorias, com que o primeiro a possuira.

Por tres titulos de justiça tomou Sua Magestade posse desta Coroa, & pellos mesmos socedera na herança della depois de largos, & felices annos o Principe Dom Theodozio, *jure sanguinis, jure hereditatis, jure acclamationis*. Por direito de sangue, de herança, de acclamação geral, & publica. Por direito de sangue que não argue pouca justiça pera a Coroa, porq se auia de se restituir a coroa, & Deos o tinha así ordenado, & prometido. Aquã auia de ser, senão ao primeiro sangue? Ao sangue mais nobre, & illustre: ao sangue por mais titulos, Real; ao sangue, que por mais vias, & caminhos descendia dos Reys de Portugal? Por direito de herança, fundada na representação de macho, que na Serenissima senhora Dona Catharina se achaua, a respeito do Infante Dom Duarte, seu pay; cousa tão subida, & tão recebida dos melhores, dos mais timoratos, dos mais liures, & mais doutos, que me ficaua pequeno lugar de falar nella. Porem como Theologo he força que diga algũa cousa. E digo que ate o direito diuino fauorece, & ajuda esta causa, & serue de exemplo ao direito natural, & humano, em que a representação se funda, como se tira da escritura diuina.

Na geração eterna, he se Catholica, q o filho he imagem do pay, & o represêta. Tirase de muitos lugares, daquelle da sabedoria. *Candor est lucis eterna, & imago bonitatis illius*, & daquelle do Apostolo, escreuêdo aos Hebreos. *Qui cum sit splendor gloria, & figura substantiae eius*. E desta razão de imagem subtilicial se tira cõmunicaçãoda natureza, & mais attributos, & perfeiçõesda. Ena representação della se fida a herança, & dominio do mudo todo q lhe deu seu Padre Eterno. *Filius meus est tu; ego*
holic

Math. 1.

hodie genui te; postula a me, & dabo tibi gentes, hereditatem tuam. Isto quanto à geração eterna: na temporal temos o mesmo mais evidente, & mais claro; *Iacob autem genuit Ioseph, virum Mariae, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.* He texto do Evangelista S. Matheus. Pretendia prouar o Evangelista ao pouo Judaico; para quem escreuia seu Evangelho, que Christo Senhor nosso, era o verdadeiro Rey, & Messias prometido por descendente da Casa de Dauid. E sendo assi, que veyo deduzindo a linha, & descendencia sempre por varões, & machos até o S. Ioseph, concluiu dizendo; que Christo Senhor nosso era filho de hũa femea, que era a Virgem sanctissima Senhora nossa; *Genuit Ioseph, virum Mariae, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.* Pois se o Evangelista sa grado pretendia prouar, que a Christo Senhor nosso pertencia de direito o sceptro do Messiado por descendente de Dauid, como dis no cabo, que era só filho de femea, & não de algum varaõ, ou macho da mesma linha, & descendencia? O mysterio, a meu ver, está claro, & foi; porque era filho de hũa femea, que representaua varaõ, & macho da mesma linha; & mais em Reyno, onde as filhas herdauão os pays, porque os representauão; como consta de muitos lugares da Escritura Gennadio Autor grauissimo parece, que aduertio o mesmo com hũa glosa diuina; *Natus est Dei filius ex homine per Mariam, & non ex Maria per hominem.* He verdade que nasceo Christo só de femea, mas de femea, que representaua, & referia homem varaõ, & macho; *Ex homine per Mariam:* & não de macho, varaõ, & homem, q̄ representaua, & referia molher, & femea; *Et non ex Maria per hominem.* Se logo o direito diuino tanto ajuda esta causa, & he ainda exemplo pera o direito natural, & humano, em que a representaçãõ se funda; bem patente, & manifesta ficou a justiça do Rey, & Príncipe que

Gennad. in
cat. D. Th.

o Ceo

25-
o Ceo nos tem dado.

O titulo da Acclamação está mais euidente, & manifesto: no rompimento dos foros, & privilégios do Reyno, na quebrada dos juramentos dos Reys Catholicos; nas oppressões, forças, cargas, & tributos de Castella, com que se hia coulumindo, & acabando tudo. Deuia logo em, consciencia de acudir ao Reyno com Rey natural, & proprio, que nos gouernasse em paz, & com justiça, o principal de seus Estados; & em primeiro lugar a Nobreza, a quem isto mais tocava, & a quem estamos em mayor diuida, por tão gloriosa empresa. Este he o direito dos pouos, & das gentes, donde os Reys dimanaraõ para emparo, defensão, & augmento do Reyno & Republica, & donde podem dimanar de nouo pera o mesmo excluindo os que forem em sua ruina, & da no. He o direito, com que se eximiraõ os dez tribus de Israel do duro, & carregado jugo de Roboam *Vade in tabernacula tua, Israel.* He o mesmo, com que no ^{Reg. 12.} mundo, & no Imperio Romano tantos exemplos de exclusão de Reys, & Emperadores se tem visto em defensão, & restauração da patria, & liberdade della. Segura temos logo a consciencia com tantos titulos de justiça, & seguro o Reyno, & a Coroa em tanta justiça, & verdade fundada.

Nem he instancia contra ella a posse de sesenta annos, em que esteue Castella, porque foi posse de mã féduuidosa, & escrupulosa, em que escrupulearaõ tantos timoratos. Foi posse nulla, por ser fundada sò em força, & violencia, nem a prescripção a fauorece, por naõ ser admittida de textos, nem de doutos em successões de Reynos, nem ania lugar pera se julgar, & decidir de nouo a causa, por que o naõ daua a posse violenta, & forçoza. Que remedio? desforçar, sacudir a carga, & o jugo, como dis o Rey Psalmista. *Dirumpamus vincula eorum.* ^{Psal. 2.}

la corum, & projiciamus a nobis jugum ipsorum. Rebater hũa
força com outra; tirar hum prego com outro prego;
como dispoem o direito neste caso: assi se fez, quando
Deos quis, & deu lugar o tempo.

Funiculus triplex difficile rumpitur; dis o Spirito Sanc-
to. Hum cordel, ou troçal tecido, & trocido de tres
voltas, de linho, & de fio, *funiculus triplicatus* (lê Vatablo)
he impossivel quebrarse, porque tem força dobrada, &
he mais rijo, & forte. Este he o direito, & a justiça do
nosso inuictissimo Rey, & Serenissimo Principe; justi-
ça tres vezes dobrada; de tres voltas, do sangue, da he-
rança, da Acclamação geral, & publica, ou tambem das
tres linhas da caza Real, por onde tres vezes descende
del Rey Dom Ioaõ o primeiro, pello Infante Dom Af-
fonso, seu filho, & primeiro Duque, del Rey Dom Du-
arte, pella senhora Dona Isabel sua neta, que casou cõ o
terceiro Duque Dom Fernando, del Rey Dom Mano-
el pella Serenissima Senhora Dona Catharina, neta sua
que casou com o sexto Duque Dom Ioaõ. He logo im-
possivel quebrarse cordel, & troçal de justiça taõ rijo,
& taõ firme, trocido, & tecido por Deos com tres titu-
los de justiça, de tanta verdade, & força; *funiculus tri-
plex difficile rumpitur*. Com tres voltas de cadea troceço
tambem Castella a seruidaõ de Portugal, temendo sem-
pre, q̃ q̃brasse, com volta de dinheiro, & de ouro cõ vol-
ta de força, & de ferro: com volta tambem de heran-
ça, mas corada, & pallcada; porem Portugueses nem cõ
dinheiro, & ouro se compraõ: nem com armas, & for-
ças se sojeitaõ; nem mal herda los se lograõ. Alem de q̃
nãõ foi o troçal de Deos, nem do Spirito Sancto, senãõ
do mundo, & de ferro, como o tinha Daniel dito na
visão da Aruore, & em seu processo. *Alligetur vinculo
erreo*: veyo a estallar, & quebrar de todo. Porem o nosso
pellas mãos de deos trocido, & feito das tres voltas de,
ouro

uro, da justiça, & da Real descendencia, he fortissimo & perpetuo *(funiculus triplex difficile rumpitur)*.

E para que fique mais clara a firmeza, & segurança do direito, & justiça desta Coroa, me lembrou, & occorreo ainda aquelle lugar de Isaias. *Eris Corona gloriae in manu Domini, & diadema Regni in manu Dei tui*. Parece que falava o Profeta em spirito da nossa Coroa, & vendoa dos campos de Ourique até o estado, & tempo presente, lhe dizia. Serás Coroa de gloria nas mãos do Senhor, & diadema, & Coroa de Reyno nas mãos de teu Deos; & çomo as mãos não são o proprio lugar da Coroa senão a cabeça, ter Deos esta coroa nas mãos, não ha duuida, que era pera Coroar a outrem com ella. Assi treslada Vatablo o lugar, & texto, *Imponetur tibi a Domino Corona gloriae, & diadema Regni a Deo tuo*. Fixa, firme, & segura estaua logo esta Coroa nas mãos de Deos, & por ellas posta, tecida, & feita. Com tudo acho grande mysterio na differença, & repetição de termos de que vsa o Profeta em sua prosa. Duas veses, & de diferente modo fala nesta Coroa, da primeira chamalhe Coroa de gloria, da segunda Coroa de Reyno, & considero eu nisto também duas cousas. A primeira a grande differença, que ha na Escritura Diuina entre estes nomes *Dominus, & Deus*, quanto a significação propria; porque *Dominus* he nome de poder, & magestade. *Omnia, quaecunq; voluit Dominus, fecit &c*. E *Deos* he o nome de Iuizo, & Iustiza. *Deus Iudicium tuum Regi da, & Iustitiam tuam filio Regis*, & o mesmo em outros muitos lugares. A segunda, que o primeiro estado da nossa Coroa, começado no Inuictissimo Rey Dom Afonso Henriques, foi de gloria. *Eris Corona gloriae*. Porem este segundo Estado della começado no desejado anno de quarẽta, no nosso dignissimo, & felicissimo Rey D. IOAM IV he de Reyno, & de justiça. O primeiro estado foy de gloria,

gloria, porque dar Deos a Coroa, como senhor do Reynos, & Coroas do mundo, ao nosso primeiro Dom Afonso por merce, & misericordia, foi honra, exaltação, & gloria nossa. He o que dis o texto do Profeta. *Eris Corona glorie in manu Domini.* Este segundo Estado della, he de justiça, porque dar Deos esta Coroa, como Deos, & juiz justo, ao Serenissimo Rey, & senhor nosso Dom IOAM o IV. foi acto de restitução, & de justiça. Isso quis tambem dizer o Profeta. *Et diadema Regni in manu Dei tui.* Porq̃ a hũ Reyno q̃ Deos conferua em direito, & privilegios de Reyno, sem querer que decesse a Prouincia, & aonde auia Rey natural, & proprio, de justiça se lhe denia a coroa, & *Corona Regni in manu Dei tui*, seja logo Coroa de gloria, dada por Deos como senhor, & poderoso, ao primeiro Rey em premio de seu valor, & de seu zelo. *Eris corona glorie in manu Domini*, & seja tambem Coroa de Reyno, & de justiça, restituída por Deos, como justo Iuiz, do alto da Cruz, ao Serenissimo Rey Dom IOAM o IV. em remuneração dos dotes de sua alma. *Et diadema Regni in manu Dei tui.*

Concluamos com o amor de vassallos, & filhos, em que a solemnidade deste acto, & juramento tambem se funda. Sempre a Casa de Bragança foy dos Portuguezes com particular amor, & affecto amada, & estimada porque sempre viraõ, tinha Deos nella guardado, como em deposito, o thesouro de Portugal. O Thesouro do sangue, & direito Real, por onde se auia de puxar a seu tempo, como temos visto. Ali se guardaua a virtude, o valor, o estilo, o modo, o trato, & ainda o traje dos antigos Portuguezes. Ali se guardaua Portugal em sua perfeição, & forma; & tudo o mais era Castella. Ali estaua Portugal, como em centro, raiz, semente, & trõco, donde auia de renacer, & arrebenatar de nouo, co-
roado

72
roado, restaurado, & glorioso. Se logo na casa de Bragança estaua o centro, & o Theouro de Portugal, que muito estiuessẽ sempre nelle, & com elle os coraçõs dos Portuguezes: *Vbi est thesaurus, ibi est & cor tuum.* Math. 6. 2. Machab. 1.

Ali tinha Deos escondido, & guardado aquelle fatal, & sagrado fogo, com que auia de alumiar de nouo o Reyno de Portugal, & o culto diuino de sua fé, de sua Religiaõ, & zelo. Ali tinham os valerosos Portuguezes [que com tal feito, & com tal Rey, bem nos podemos tornar a chamar valerosos, recuperando os titulos, que tinhamos ja perdidos] Ali tinhamos aquelle Irmaõ, & natural nosso encuberto, quanto à posse de seus Reynos, porem quanto ao amor, com que lhos de sejuamos, bem patente, & manifesto; pois era o aluo de nossas esperanças, & suspiros, por quem de contino chamauamos com a Esposa santa, pera nos vermos de safrontados, & desoprimidos. *Quis det te fratrem meum. su gentem vbera matris mee; ut inueniam thesoris, & deosculer te & iam nemo me despiciat.* Cant. 8. Ali tinhamos, & lograuamos em esperança, & em flor esta nossa Redempçaõ gloriosa, que oje logramos em posse, cuja alegre noua, senaõ abriu sepulchros, nem resuscitou Portuguezes com aquella esperança mortos, ao menos alentou, & deu espiritos nouos aos viuos, & alegrou os ossos secos, & descarnados dos defuntos, como aconteceo àquelle Dezembargador do Porto, que mandou em seu testamento, que na era de corenta, quando ouuesse em Portugal Rey natural, & proprio, lha leuassẽ as nouas à sepultura, para que seus ossos descarnados, & secos fizessem grande festa, & folia. He o mesmo, que tinha dito o Rey Psalmista pellas nouas do Rey Messias, & saluador do mundo com mais rezaõ, & mysterio. *Auditui meo dabis gaudium, & letitiam, & exultabunt ossa humiliata.* Psal. 50.

Este he, Portuguezes, o Rey, & Principe, que logramos,

mos, & que o Ceo nos tem dado, em que deuemos juntamente empregar todo o nosso amor, & desejo. He a Aguia Real, & generosa, que debaixo de suas azas nos quis defender, & emparar, como filhos. *Sicut Aquila pronocans ad volandum pullos suos, & super eos volitans, expandit alas suas.* He o Sol relplandecente, & o Serenissimo Principe o mais fermoso de seus rayos, em cujo amor nos prouamos por verdadeiros Portuguezes, & filhos. *Ad solem filiabitur nomen eius.* He o pelicano amoroso; que leuado do amor da patria, & filhos della com o risco, & exposiçãõ de seu fangue os quis criar de nouo pera novos brios, & alentos de esforço, valor, verdade, Religiaõ, & justiça. Por onde veja cada hum daqui em diante como obra, & se degenera.

Este he finalmente aquelle escondido, & encuberto como confessou o mesmo Rey Catholico de Castella, quando lhe ordenou, que escõdido, & encuberto fosse a Almada, ja patente, & manifesta ao mundo, fatal refugio de nossas oppressões, & apertos, aliuio de nossas dores, & trabalhos, dado por Deos de merce, & misericordia, restituído por justiça, amado, & querido por prendas de seu corpo, & alma, & muito mais por esta taõ rica, & preciosa do Serenissimo Principe nosso, Dom THEODOSIO, a quem oje em dia da insigne, & gloriosa martyr Portuguesa S. Eiria, por mãos de outro Principe reprovado morta, naõ com pequeno mysterio he mos de approuar, & jurar todos com grande amor, & affecto, & com osculos do coraçãõ, & da alma. *Apprehendite disciplinam, nequando irascatur Dominus;* cantou o Rey Psalmista ao diuino em semelhante caso. *Osculamini filium;* vertem muitos da fonte Hebraea, sejaõ tudo demonstrações de gosto, & alegria, aque nos obriga o amor de tal filho, & de tal Principe; *Osculamini filium,* & a pompa, & grandeza deste acto taõ desejado, acompa-

nhado

20

nhado, & solemne, deuido em primeiro lugar ao Con-
de Visorey deste Estado, não só por preminencia do lu-
gar, & officio, senão por fé, por animo, por amor, & af-
fecto do coração, & do animo, com que acclamou, &
jurou logo o Serenissimo Rey, & senhor nosso Dom
IOAM O IV. mas ainda sahio com estas demonstrações
de alegria, & de gosto no acto solemnisimo, em que
estamos de juramento do Principe D. THEODOZIO.
Alem de que não podemos negar, que a seu merecimē-
to, zelo, & bõidade se deuem tambem todas estas bo-
as fortunas, & glorias. Em segundo lugar se deuem tam-
bem estas demonstrações de gosto, & alegria a esta no-
bre, & sempre leal Cidade de Goa, que tanto nellas tē
obrado, ao nosso illustrissimo, & Reuerendissimo Pri-
mas, que tão viuo, & efficaz se mostrou neste negocio.
Ao Illustrissimo, & Reuerendissimo Patriarcha de E-
thiopia, que com tanto feruor, & zelo se ouue nesta
materia. A nobreza, & fidalguia toda, que tanto tem
festejado este successo. As Religiões sagradas, que tam-
to se auntejaraõ em demonstraçoẽs de alegria, & de
festa. A todo o mais pouo, que tanto amor tem mos-
trado a seu Rey natural, & proprio. Peçamos todos a
Deos, nos guardt, & conserve tal Rey, & Principe por
largos, & felices annos com grandes glorias, & trium-
phos, & grandes augmentos de seus Reynos, &
Estados, & viua o muito alto, & muito po-
deroso Rey, & Senhor nosso D. IO

AM O IV. & Serenissimo Princi-
pe D. THEODOZIO seu pri-
mogenito. Viua Viua.

Amem.

LAVS DEO.

L I C E N C I A S

E Ste papel está conforme com seu original. Em S.
Domingos de Lisboa 24. de Outubro 642.

M. Fr Ignacio Galvão.

V Isto estar conforme com o original pode correr
este papel Lisboa 24. de Outubro 642.

Fr. João de Vasconcellos. Pedro da Sylva.
Francisco Cardoso de Torneo. Diogo de Sousa

T Axaõ esta pratica ã doze reis. Lisboa 29. de Octu
bro de 642.

Coelho.

Ribeiro.

EM LISBOA.

Na Officina de Lourenço de Anueres
Anno 1642.

*Vende-se em casa de Andre Godinho, &
à sua custa.*